

ESTUDOS DA IMIGRAÇÃO NIPÔNICA E A SUA IMPORTÂNCIA NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO DE MARINGÁ: O CASO DO COMÉRCIO

Gabriel Igor Teodoro Moser Contreras (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Maria das Graças de Lima (Orientadora), Sueli de Castro Gomes (Coorientadora), e-mail: gimcontreras@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes / Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Ciências Humanas, Geografia

Palavras-chave: imigração, comércio, Japão.

Resumo:

O Japão, durante os séculos XIX e XX, passou por uma série de alterações de caráter político e social que resultaram em processos de migração para países ocidentais, dentre eles o Brasil. Movimentos populacionais internos em busca de trabalho e terras baratas culminaram no assentamento de imigrantes no norte paranaense. O objetivo deste estudo é a análise destes imigrantes segundo uma de suas facetas: a atuação no comércio. Pesquisaram-se como esses migrantes e seus descendentes migraram para o município de Maringá e assumiram a atividade do comércio como uma forma de trabalho, trazendo elementos culturais. Os dados definidos no recorte são relativos a razão social dos comércios. Os resultados obtidos a partir da oralidade apontam uma confirmação das características migratórias, além de uma persistência do sentimento relativo à promessa de riqueza e uma descontinuidade dos comércios por parte das futuras gerações.

Introdução

Maringá localiza-se na mesorregião Norte Central Paranaense. Segundo dados do censo de 2010, a riqueza total da Região Metropolitana de Maringá representa 5,42% da riqueza do estado e 0,32% da riqueza do país (GOMES, 2015). Sendo sua população constituída de uma pluralidade de diferentes grupos socioculturais e econômicos, a presente pesquisa busca entender a participação japonesa na construção do seu espaço e como sua cultura influenciou e foi influenciada na trajetória maringaense. O município apresenta uma economia baseada no setor de serviços, além de um forte comércio para suprir as necessidades dos municípios de sua região metropolitana. Dessa forma, definiu-se a escolha de estabelecimentos comerciais como um mecanismo para entender a presença dos descendentes nipônicos no norte paranaense. A realização de coleta de dados orais baseou-se em um aporte teórico de referências relativas aos processos de migração japonesa para o Brasil, histórico da cidade de Maringá e como os diferentes fatores em questão

(comercio, presença de imigrantes) atuaram na construção do atual espaço urbano de Maringá.

Revisão de Literatura

A Era Meiji representou uma série de reformas políticas internas no Japão pautadas pelas elites do país, permeadas de um nacionalismo exagerado. Reformas econômicas trouxeram miséria para a maior parte da população japonesa. A união de uma população em estado de desamparo com a necessidade de uma aproximação amistosa com as potências ocidentais resultou em um processo de emigração em massa na segunda metade do século XIX. É neste contexto que se compreende a ocupação do Norte do Paraná. Diversos momentos de imigração nipônica para terras brasileiras são observados, iniciando no ano de 1908 com a primeira embarcação de imigrantes a aportar em Santos (SAKURAI, 2016).

Grupos de Japoneses e seus descendentes, descontentes com o trabalho na região de São Paulo, iniciam um movimento de migração interna para novas regiões em processo de crescimento, caso do norte paranaense. A migração elaborou redes sociais que possibilitaram a seus filhos e netos criarem laços no município de Maringá e sua área metropolitana (GOMES, 2015). Fruto do processo de avanço da cafeicultura paulista, Maringá apresentou um acelerado crescimento urbano, principalmente nos anos seguintes ao declínio da cultura cafeeira. Tal crescimento acarretou em uma expansão lateral rápida da cidade, expandindo-se além dos limites demarcados originalmente no plano piloto promovido pela CMNP (MORO, 2003). GOMES (2015) aponta que no espaço urbano de Maringá a presença nipônica é marcante, seja em equipamentos urbanos (praças, parques) ou na presença de clubes, restaurantes e no recorte urbano em geral, como sua forte presença nos estabelecimentos comerciais.

É interessante trazer a discussão elaborada por OKANO (2008) com relação aos estabelecimentos do Bairro Liberdade, em São Paulo, diferenciando comércios da orientalização e comércios da orientalidade, os primeiros identificando estabelecimentos globalizados culturalmente. Okano ainda indica a utilização de signos que remetem a cultura do imigrante em fachadas de comércios da orientalidade que, mesmo atuando junto de uma pluralidade de produtos, raças e costumes, ainda buscam a ligação com a cultura nipônica.

O recorte desejado para a seleção dos dados baseou-se em estabelecimentos geridos por imigrantes japoneses ou descendentes que utilizam como razão social do estabelecimento o sobrenome familiar, segundo dados fornecidos pela ACIM. A escolha do sobrenome baseou-se nas análises de SAKURAI (2016) quanto à cultura nipônica de apreciação dos antepassados. A coleta de dados nos estabelecimentos deu-se de modo oral seguindo um plano de pesquisa, definido em eixos temáticos.

Resultados e Discussão

A espacialização dos dados elaborou-se na forma do mapa presente na Figura 1. Demarcou-se também a área de abrangência do plano urbanístico original da cidade de Maringá, utilizada, no contexto, para separar o espaço urbano entre uma área

central e centros secundários, de modo a identificar comércios que apresentassem uma maior probabilidade de estarem inseridos em movimentos populacionais antigos, assim como possíveis estabelecimentos especializados em atender grupos de imigrantes em centros secundários, segundo a classificação de CORRÊA (1989).

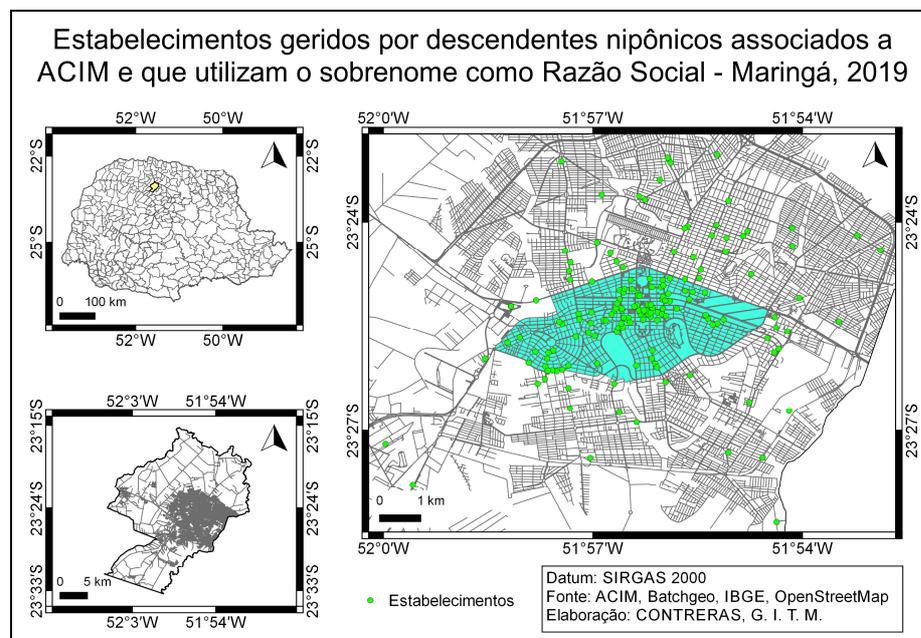


Figura 1 – Estabelecimentos geridos por descendentes nipônicos associados a ACIM e que utilizam o sobrenome como Razão Social – Maringá, 2019 (Elaboração do Autor)

Utilizou-se deste para demarcar estabelecimentos em diferentes compartimentos urbanos de modo a construir um padrão não restritivo dos dados. Realizaram-se análises em sete diferentes estabelecimentos, sendo que dois destes pertenciam a uma mesma linhagem de descendentes (pai e filho, respectivamente). Quanto aos aspectos familiares, todos os casos analisados possuem características semelhantes: vindos de cidades pequenas do Estado de São Paulo, os comerciantes ou antecedentes migraram para o município de Maringá em busca de oportunidades no centro urbano ou terras para agricultura durante o declínio do café paulista. Com exceção de um caso, as imigrações do Japão para o Brasil são fruto de dificuldades financeiras e busca de trabalho. Em relação ao comércio e suas características, os ramos selecionados para estudo foram variados. Todavia, dois pontos em comum foram identificados: todos se caracterizavam como estabelecimentos familiares, além da existência de um sentimento de simpatia com o trabalho autônomo, geralmente associado a ideia de independência e liberdade. No que concerne às redes impostas pela atuação no comércio e coesão sociocultural entre descendentes, observou-se que todos foram ou ainda são associados à ACEMA ou outras entidades (Paróquia do Menino Jesus de Praga e São Francisco Xavier, por exemplo). Identificaram-se traços característicos de movimentos de kasseguis em pelo menos três dos estabelecimentos estudados. Um ponto de importância diz respeito à hereditariedade do estabelecimento. Os resultados apontam que em nenhum dos estabelecimentos estudados há disposição dos filhos em gerir os estabelecimentos e/ou pressão para que estes dêem

continuidade (pelo contrário, dois casos apresentaram vontade oposta, almejando aos filhos o estudo superior e inserção no mercado de trabalho).

Conclusões

Em um primeiro momento, compreenderam-se as migrações como uma sucessão de movimentos em busca de melhorias sociais (trabalho e aceitação), tanto nas migrações do Japão para o Brasil, nas migrações internas e, até certo ponto, nos movimentos de retorno. O sentimento de uma terra prometida que trouxe tantos japoneses ao Brasil persiste sob o signo do comércio. O trabalho autônomo, nessa lógica, é entendido pelos descendentes não apenas como uma forma de ganhar a vida, mas também uma herança a ser passada, uma expectativa de melhora para si e seus filhos. Entretanto, a ocidentalização dos costumes torna a hereditariedade como uma opção secundária para as futuras gerações, que não apresentam tanto interesse em manter os estabelecimentos geridos por seus antecessores, mas sim construir seu próprio patrimônio. Ademais, a cultura nipônica é identificada como importante fator na construção do espaço urbano de Maringá. A participação em grupos voltados a representatividade nipônica, como a ACEMA, reforça a orientalização de preceitos culturais junto da sociedade Maringaense, espaço multicultural que, desde seu surgimento, recebeu com expectativa os imigrantes que aqui desejavam construir seu legado.

Agradecimentos

Agradecimentos especiais a Fundação Araucária, fornecedora da bolsa PIBIC (Proc. nº. 3189/2018).

Referências

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática S.A. 1989.

GOMES, S. de C. Dinâmicas demográficas na região metropolitana de Maringá: mobilidade espacial e migração. In: RODRIGUES, A. L. (Org.). **Maringá: transformações na ordem urbana**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Letra Capital; Observatório das Metrôpoles, 2015. p. 185-206.

MORO, D. A. Maringá: Espaço e Tempo. In: MORO, D. A. (Org.). **Maringá Espaço e Tempo: Ensaio de Geografia Urbana**. Maringá: Programa de Pós-Graduação em Geografia – UEM, 2003. p. 49-87.

OKANO, M. A leitura semiótica-visual: da visualidade à visibilidade – orientalização e orientabilidade. In: HASHIMOTO, F.; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. S. (Orgs.). **Cem anos da Imigração Japonesa: História, memória e arte**. São Paulo: Editora UNESP, 2008. p. 291-304.

SAKURAI, C. **Os Japoneses**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2016.